

## O DEBATE -AINDA PERTINENTE- SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

EL DEBATE -TODAVÍA RELEVANTE- SOBRE  
LAS RELACIONES DE GÉNERO EN EDUCACIÓN FÍSICA

THE DEBATE ON GENDER RELATIONSHIPS IN PHYSICAL  
EDUCATION IS STILL RELEVANT

### **Tânia Mara Vieira Sampaio**

Doctora en Ciencias Sociales y Religión por la Universidade Metodista  
De São Paulo

Profesora e investigadora en la línea Aspectos Socio-Filosóficos de la  
Actividad Física y Desarrollo en la Universidade Católica de Brasília (Brasil).  
tsampaio@ucb.br

### **Junior Vagner Pereira da Silva**

Doctor por la Universidade Estadual da Bahia.

Profesor en la Universidade Estadual da Bahia y en la Universidade  
Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil).

jr\_lazer@yahoo.com.br

### **Loranny Raquel Castro de Sousa**

Licenciada en Educación Física por la Universidade Católica de Brasília  
(Brasil)

iorranyraquel@gmail.com

---

Sampaio V., T.; Silva P., J.; Sousa C., L.; Xavier S., W.; Melo F., G. (2014). O debate  
-ainda pertinente- sobre as relações de gênero na educação física. *Educação Física  
y Deporte*, 33 (1), 73-91, Ene-Jul 2014

---

## Walney da Silva Xavier

Licenciado em Educação Física por la Universidade Católica de Brasília (Brasil)  
walneyxavier@hotmail.com

## Gislane Ferreira de Melo

Doctora en Educación Física pela Universidade Católica de Brasília  
Profesora Universidad Universidade Católica de Brasília (Brasil)  
gislane.melo@gmail.com

---

## RESUMO

A análise das relações de gênero na Educação Física não é novidade. Porém, as pequenas mudanças observadas justificam a reelaboração do problema. O objetivo desta investigação foi avaliar a forma de estruturar as aulas, a percepção dos professores sobre o comportamento dos estudantes, e analisar as estratégias utilizadas em uma ação positiva sobre o tema. O estudo foi do tipo combinado descritivo/exploratório, no qual participaram dez professores de Educação Física da Educação Pública do Distrito Federal que trabalham na educação primária. Os resultados apontam a necessidade de seguir questionando a percepção dos professores e estudantes de Educação Física por este ser um espaço privilegiado para a construção da corporeidade, tendo potencial para reinventar as relações de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação física, gênero, aulas mistas, estereótipo, exclusivo

## RESUMEN

El análisis de las relaciones de género en la Educación Física no es un tema nuevo. Sin embargo, los pequeños cambios observados justifican la reelaboración del problema. El objetivo de esta investigación fue evaluar la forma de estructurar las clases, la percepción de los profesores sobre el comportamiento de los estudiantes, y analizar las estrategias utilizadas en una acción positiva sobre el tema. El estudio fue de tipo combinado descriptivo/ exploratorio, en el que participaron diez profesores de Educación Física de la Educación Pública del Distrito Federal que trabajan en la educación primaria. Los resultados apuntan a la necesidad de seguir cuestionando la percepción de los profesores y estudiantes de Educación Física por ser este un espacio privilegiado para la construcción de la corporeidad, teniendo el potencial para reinventar las relaciones de género.

**PALABRAS CLAVE:** Educación física, género, clases mixtas, estereotipo, exclusivo

## ABSTRACT

The analysis of gender relationships in Physical Education is not something new. However, small changes observed justify revising the problem. The objective of this research was to evaluate the classes' structure, the professors' perceptions about students' behavior, and to analyze the strategies used in a positive action on this subject. The study was mixed: descriptive and exploratory, this included ten public elementary physical education teachers from the Federal District. The results revealed the need to continue the inquiry on the teachers' and students' perceptions as physical educators, in order to facilitate the reinvention of gender relationships.

KEY-WORDS: Physical Education, gender, mixed classes, stereotype, exclusion, perceptions

## INTRODUÇÃO

As aulas de Educação Física podem ser o locus privilegiado da discussão ora proposta, mas não podem ser consideradas como único espaço refratário às críticas sobre os processos de estereótipos e exclusão de gênero, dentre outras diferenças que marcam a corporeidade dos meninos e meninas que circulam por esse espaço longos anos de sua infância e adolescência. Mudanças de mentalidades que envolvem construções culturais arraigadas na história de uma sociedade são lentas.

Estudos acadêmicos, de mais de vinte anos, tematizam a questão das aulas mistas ou separadas por sexo e suas motivações e justificativas, mencionamos de saída a emblemática tese de doutorado de Sousa (1994), nesse quesito. Ao retomar o tema, interessa-nos ressaltar que ao multiplicarmos pesquisas, com docentes que atuam na Educação Física Escolar, as evidências são de que pouco mudou sobre a histórica construção de justificativas e legitimações que afastam estudantes de esportes, atividades físicas e outras manifestações corporais humanas consideradas próprias a um gênero ou outro. Esta distinção de gênero, construída sobre o sexo, continua alicerçada em feminilidades e masculinidades fixas e em oposição. Um processo que coopera para reforçar estereótipos e gerar exclusões na experiência de meninos e meninas quando deveria ser amplo, diversificado e criticamente experimentado para promover desenvolvimento integral e cidadania.

Consideramos relevante a continuidade desse debate em nossos periódicos para identificarmos onde se localizam as dificuldades de acessar, com nossas pesquisas, aqueles e aquelas que atuam nessa esfera de formação fundamental que é a Educação Básica. Discutir as relações de gênero nas aulas de Educação Física implica assumir que estamos diante de jogos de poder que transcendem o espaço escolar. As construções sociais de gênero respondem a processos de hierarquização

das relações em diversas esferas da vida, assim como também não são exclusivas. As assimetrias de gênero fazem coro com as étnicas, de classe, de idade, de corporeidades normativas entre outras. Não sendo possível abarcar todas elas, o presente estudo teve como objetivo analisar a ocorrência de estereótipos de gênero no âmbito da Educação Física e a ação docente frente a essas questões. Especificamente buscou avaliar a forma de estruturação das turmas (mistas ou separadas por sexo); investigar as percepções docentes sobre comportamentos discentes frente às questões de gênero; analisar se os docentes avaliados utilizam estratégias de intervenção que tratam as questões de gênero.

## METODOLOGIA

O estudo é do tipo combinado descritivo/exploratório, que tem por objetivo a descrição de determinados fenômenos (Marconi & Lakatos, 2002) e a descoberta de novas percepções sobre um determinado problema (Gil, 2010). A técnica de investigação utilizada foi aplicação de questionário que, de acordo com Richardson (2008), possibilita a descrição das características de determinadas variáveis de um grupo social. Utilizou-se um questionário criado especificamente para os objetivos deste estudo, composto por cinco questões fechadas, estruturadas em escala do tipo *Lickert*, de múltipla escolha, com três possibilidades de respostas, sendo que em algumas delas deixou-se aberto espaço para considerações a critério do respondente.

A amostra final foi de 10 docentes de Educação Física da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal-DF que atuam no Ensino Fundamental (5º ao 9º ano) da Regional de Ceilândia-DF. Os critérios de inclusão adotados para a participação na pesquisa foram: a) ser professor de Educação Física na Rede Pública de Ensino da Regional de Ceilândia-DF lotado do 5º ao 9º ano; b) não

estar de licença ou afastamento médico; c) devolução do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. A análise dos dados foi feita através da estatística descritiva, obtendo os valores de frequência absoluta em cada uma das questões. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília, registrado sob o nº 065/2010.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à forma de organização das aulas, o estudo evidenciou que a maioria dos professores adota aulas em turmas mistas. Contudo, um sinalizou alterná-las em aulas mistas e separadas por sexo.

	Frequência (n)	Percentual (%)
Mistas	9	90%
<b>Mistas e Separadas por Sexo</b>	1	10%
<b>Separadas por Sexo</b>	0	0%
<b>Total</b>	10	100%

Tabela 1: Valores de frequência absoluta (n) e percentual (%) da forma de organização das aulas de Educação Física

A predominância das aulas mistas ministradas pelos professores avaliados, numa análise inicial, figura como ponto positivo e em conformidade com as sugestões de documentos orientadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Física, que expõem que

[...] as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma este-

reotipada, relações sociais autoritárias (Brasil, 1997, p. 30; Brasil, 1998, p. 42).

O posicionamento a favor das aulas de Educação Física, em turmas mistas, tem sido defendido por diferentes pesquisadores ao debaterem as questões de gênero (Sousa, 1994; Saraiva, 2005; Zuzzi & Sampaio, 2010), assim como sua recomendação, em geral, tem sido observada em investigações realizadas em outras localidades brasileira – escola estadual em Rio Claro-SP (Souza & Darido, 2010), escola municipal no Rio de Janeiro-RJ (Duarte & Mourão, 2007) e escola municipal em Guanambi-BA (Cruz & Palmeira, 2009).

Entretanto, o simples fato de meninos e meninas realizarem aulas juntos, não tem garantido que relações assimétricas de gênero sejam evidenciadas, aprofundando processos de “naturalização” daquilo que é uma construção cultural, recalcando estereótipos e gerando inferiorizações.

Ainda há de se considerar que mesmo com as recomendações de muitas pesquisas e documentos oficiais como os PCNs (Brasil, 1997, 1998) e orientações estruturadoras da prática pedagógica em aulas mistas, estudos têm identificado que sua materialização não tem ocorrido nas intervenções docentes, sendo as aulas marcadas por uma prática de turmas separadas por sexo, seja por sua flexibilização, iniciando-se de forma mista e terminando separadas (Jesus, Devidé & Votré, 2008; Duarte & Mourão, 2007; Cruz & Palmeira, 2009), pela separação por sexo em espaços e atividades diferentes ou divisão do tempo das aulas em duas partes a serem ocupadas de acordo com o sexo, uma por vez (Duarte & Mourão, 2007; Dornelles, 2007).

Observa-se, então, que em relação aos professores deste estudo, apenas a informação de que suas aulas são organizadas em turmas mistas, embora importante, pouco revela sobre o tratamento dado às questões de gênero, o que nos levou a realizar outras interpelações a respeito do fazer pedagógico,

no contexto da Educação Física escolar e a ocorrência de exclusão e estereótipos. A fim de melhor compreender como se comportam frente às questões de gênero, uma segunda questão lhes foi formulada: “Em suas aulas, meninos e meninas participam dos mesmos esportes?”

Em resposta a essa questão, a maioria dos docentes, conforme tabela 2, afirma que sim, o que indica um avanço em relação prática esportiva feminina, haja vista que devido a valores culturais, por muito tempo o envolvimento de mulheres com o esporte foi impedido e restringido oficialmente (Goellner, 2005).

	Frequência (n)	Percentual (%)
Sim	8	80%
Às vezes	2	20%
Não	0	0%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Tabela 2. Valores de frequência absoluta (n) e percentual (%) de docentes que informaram que meninas e meninos participam dos mesmos esportes nas aulas de Educação Física

Todavia, apesar da crescente presença feminina no meio esportivo, essa situação deve ser avaliada com cautela, porque ainda há um quantitativo maior de homens que praticam esportes quando comparados às mulheres como também a remuneração financeira de homens e mulheres em ocupações similares são discrepantes, sendo frequentemente favoráveis aos homens. Goellner (2005) relata que, embora avanços venham ocorrendo, esse fato deve-se mais a um esforço de algumas mulheres (e alguns homens) do que à criação de políticas de inclusão das mulheres no universo esportivo e atividades de lazer. Dessa maneira, a despeito da inserção da mulher no meio esportivo, ainda há diversos estereótipos, que se manifestam também no âmbito escolar. Desta forma, uma terceira pergunta



foi feita: “Você observa alguma desvantagem entre meninos e meninas em suas aulas, quando elas são organizadas em turmas mistas? Caso a resposta seja sim, cite quais.”

Conforme apresenta a tabela 3, a maioria dos professores afirmou que, tanto entre as meninas quanto entre os meninos, as desvantagens às vezes ocorrem. Ainda, três afirmaram que sim, ocorrem desvantagens em relação às meninas.

	<b>Frequência (n)</b> <b>Meninas</b>	<b>Percentual (%)</b> <b>Meninas</b>
Sim	3	30%
<b>Às Vezes</b>	<b>7</b>	<b>70%</b>
Não	0	0%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Tabela 3. Valores de frequência absoluta (n) e percentual (%) de percepção docente sobre a ocorrência de desvantagens entre meninas e meninos nas aulas de educação física organizadas em turmas mistas

Dentre as desvantagens percebidas nas aulas mistas os professores citaram a dificuldade das meninas no futsal, devido às diferenças de capacidade física (força, flexibilidade, agilidade e coordenação motora) e habilidades motoras esportivas (drible e chute no futsal), por isso, segundo os mesmos, os meninos levavam desvantagem no jogo de queimada e vôlei, modalidades das quais não gostavam de participar. Alguns citaram ainda como desvantagem das meninas a falta de oportunidade delas participarem e demonstrarem sua capacidade, o que resultava em desmotivação para manterem-se nas aulas.

As argumentações apresentadas pelos docentes avaliados denotam que partilham de uma visão de “naturalização” das diferenças existentes entre homens e mulheres, percepção bastante cristalizada na sociedade, condição que em outros estudos foi evidenciada como justificativas e argumentação de

professores (Dornelles, 2007) e alunos (Jesus & Devide, 2006) para que as aulas de Educação Física fossem realizadas com a separação por sexo.

Quando perguntados sobre a ocorrência de estereótipo de gênero durante as aulas de Educação Física, a maioria assinalou que comportamentos preconceituosos e excludentes às vezes (5) são observados, conforme indica a tabela 4.

	<b>Frequência (n)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Sim	2	20%
<b>Às Vezes</b>	5	50%
<b>Não</b>	3	30%
<b>Total</b>	10	100%

Tabela 4. Valores de frequência absoluta (n) e percentual (%) de percepção docente sobre a ocorrência de estereótipo de gênero durante as aulas de Educação Física organizadas em turmas mistas

Dentre os atos de preconceitos existentes entre os estudantes mencionaram a ocorrência de insultos referentes à lentidão e fraqueza das meninas, afirmações comuns por parte dos meninos de que “meninas não sabem jogar futebol” e que “o lugar delas sentada no banco ou jogando voleibol e queimada”.

A exclusão das meninas e a ocorrência de exclusão nas aulas de Educação Física pautada na justificativa dos meninos de que elas não têm habilidade para a prática dos esportes, principalmente o futebol, também foi observado em estudos realizados em escolas municipais do Rio de Janeiro-RJ (Duarte & Mourão, 2007), quando as meninas menos habilidosas eram desvalorizadas por tentarem aprender os fundamentos e terem dificuldades na aprendizagem, como também eram ignoradas quando não dominavam a técnica. Jesus, Devide & Votre (2008) constataram resultados similares, pois observaram que as reclamações por parte das meninas se davam em decorrência da agressividade dos meninos quando

as mesmas erravam. Por outro lado, os meninos reclamavam por entenderem que elas eram muito “frescas” e afirmavam não compreender o que as meninas queriam na aula.

Percebe-se, assim, que as justificativas para a separação das turmas por sexo devido às diferenças motoras e físicas de meninos e meninas são fundamentadas numa percepção biológica e equivocada do desenvolvimento humano, ou seja, conforme expõe Sampaio (2009), as assimetrias são vistas como algo natural e inevitável, devido a uma construção social de gênero sobre o sexo. O esperado socialmente como próprio para meninos e meninas parece advir das determinantes biológicas, sem que se perceba a construção histórico-cultural da qual os estereótipos de gênero são fruto. Sobre essa questão é importante salientar que o desenvolvimento das habilidades motoras é influenciado por diversos fatores, dentre eles, os ambientais e culturais, caracterizados pelas oportunidades de vivências de movimentos no cotidiano.

Considerando-se que o nível do desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais depende da quantidade e da qualidade das vivências motoras nas primeiras idades segundo Gallahue & Ozmun (2003), pode-se inferir que o nível de habilidades das meninas pode ser menor não em decorrência de questões biológicas, mas sim culturais. Uma vez que podem ter sido desestimuladas ou mesmo não estimuladas a determinados jogos e brincadeiras que culturalmente são atribuídas como próprias dos meninos. Vale ressaltar que se esta defasagem ocorre para as meninas, os meninos não estão isentos de terem outros estímulos motores cerceados pelo mesmo efeito cultural. Os estereótipos de gênero construídos historicamente e culturalmente estão impregnados nos brinquedos e brincadeiras estimulados ou proibidos.

Observa-se, então, que as diferenças motoras existentes entre meninos e meninas não se configura como uma condição inerente ao aspecto biológico de ser homem ou mulher, pelo contrário, está relacionada a ações culturalmente introjetadas nos comportamentos da sociedade, como a estereotipia de

g nero, pois, a construção do corpo sexuado da criança começa antes mesmo de nascer, uma vez que os pais criam expectativas que variam de um sexo ao outro, e caso a criança seja um menino, provavelmente o quarto ganhará decorações na cor azul e se for menina, na cor rosa, como também os brinquedos serão escolhidos em conformidade com o construto social de gênero.

Logo a partir do momento do nascimento, a categorização “menino” ou “menina” determinará grande parte das características de interação entre a criança e o ambiente desencadeando um processo de socialização diferencial, no qual a criança vai aprendendo e adquirindo as normas e valores definidos previamente como adequados e desejáveis para a sua categoria sexual (Pomar & Neto, 2003, p. 179).

Os estudos aqui mencionados corroboram com a discussão relacionada ao estereótipo nas brincadeiras infantis, expondo que desde a infância é permitido aos meninos a participação em brincadeiras mais agressivas e livres (jogos de bola na rua, andar de bicicletas, rolar no chão, escalar muros), enquanto as meninas são desencorajadas dessas experiências de maior autonomia e exploração do espaço público, sendo direcionadas mais frequentemente para dentro de casa. Sendo assim, o estereótipo de gênero nas brincadeiras infantis e aulas de Educação Física pode resultar em sérias consequências ao desenvolvimento tanto de meninas quanto de meninos.

Um aspecto significativo das observações dos professores participantes da pesquisa aponta para o fato de que a exclusão e o estereótipo, em suas aulas, não ocorria apenas em relação às meninas, haja vista que, durante a escolha das equipes, as crianças menos habilidosas, obesas, tímidas e negras, independente do gênero, também eram deixadas por último, causando-lhes desmotivação e desinteresse em participar.

Estamos diante do processo de exclusão do diferente, que ao transcender a questão de gênero, traz à tona uma problemática séria de nosso contexto sócio-cultural que estabelece corporeidades

normativas muito rígidas nas quais poucos se reconhecem como capazes de corresponder (Sampaio, 2009). Ratifica-se que a minimização das oportunidades de participação nas aulas de Educação Física e os preconceitos não ocorrem apenas em relação às meninas, se estendendo também aos meninos que, por sua estrutura física, não atendam ao padrão de masculinidade requerido para determinados esportes (Marimon & Romero, 2009).

Por sua vez, Duarte & Mourão (2007), identificaram que a exclusão nas aulas de Educação Física não ocorria apenas por parte dos meninos em relação às meninas, mas também entre as meninas que apresentavam habilidades motoras e técnicas tidas como ideais para o esporte e as que não apresentavam, sendo essa condição evidenciada na forma utilizada na escolha para a formação das equipes (escolha pelo nível de habilidade) e em alguns depoimentos das consideradas “menos habilidosas” – “elas zoam tanto quanto os meninos quando a gente erra”.

Desta forma, ao tratar as questões de gênero, deve-se considerar seu caráter relacional com outras categorias, como idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre outras (Sousa & Altmann, 1999; Sampaio, 2009), que se manifestam em diferentes espaços sociais, dentre eles a escola e a Educação Física, uma vez que

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor freqüência até mesmo do que algumas meninas (Sousa & Altmann, 1999, p.56).

Ainda, é preciso considerar que, paralelos justificativas de separação por sexo, encontram-se fragmentos da esportivização das aulas de Educação Física que, muitas vezes, são praticadas

nos mesmos moldes de competição de rendimento, resultando em estereótipos e inferiorizações (Dornelles, 2007), não excluindo apenas mulheres, mas sim todos os demais que não se encaixem no padrão idealizado como adequado à sua prática, se equiparando ao esporte de rendimento, ou seja, o esporte na escola, contribuindo para que atitudes individualistas, exclusivas e agressões verbais e físicas, com ênfase na vitória e presença exacerbada da competição, independente do meio que se utilize para vencer, sejam observadas em aulas de Educação Física, conforme revelou estudo realizado em uma escola municipal de Juiz de Fora-MG (Verbena & Romero, 2003).

Verifica-se que as exclusões e estereótipos nas aulas de Educação Física vão além da questão de gênero, perpassando também pela exclusão decorrente da habilidade motora que se apresenta, pela estética corporal, por questões de raça/etnia, dentre diversas outras questões que envolvem o mundo da diversidade humana.

Por fim, com o objetivo de conhecer como os professores lidam com as questões dos estereótipos de gênero em suas aulas, apresentou-se a seguinte questão: “Em suas aulas, você cria alguma estratégia/situação para trabalhar com seus estudantes questões relacionadas ao gênero? Caso a resposta seja sim, cite quais.”

Conforme apresenta a tabela 5, a maioria dos docentes informou que cria estratégias/situações para que as questões relacionadas ao gênero sejam discutidas e tratadas em suas aulas.

	<b>Frequência (n)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Sim	6	60%
Às Vezes	1	10%
Não	3	30%
<b>Total</b>	10	100%

Tabela 5. Valores de frequência absoluta (n) e percentual (%) de docentes que informaram criar situações em suas aulas para discutir questões de gênero

Entre as estratégias elaboradas para atenderem a esse fim sinalizaram a criação de regras que favoreçam maior participação das meninas, tais como – o gol das meninas vale 5 pontos, a bola precisa ser tocada por todos e só as meninas podem chutar para o gol, os meninos só podem tocar para as meninas e no basquete só vale a cesta se a bola passar pelas mãos das meninas.

Em que pese a intervenção positiva dos professores em criar condições diferentes para que as meninas tenham maior participação nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física, verifica-se que a maioria delas (o gol das meninas vale 5 pontos e só as meninas podem chutar ao gol), podem ser insuficientes, pois muitas vezes a criação de regras que inibem o emprego da força, parte da concepção de que as meninas são fracas (Dornelles, 2007). Chama-se a atenção, com o intuito de alertar, que intervenções pautadas em tais parâmetros, às vezes acabam desconsiderando a articulação do gênero a outras categorias (Sousa & Altmann, 1999), fazendo com que os meninos que pouco participam das aulas, por não apresentarem uma habilidade motora considerada como ideal para aquela atividade, sejam duplamente excluídos.

Uma aula de Educação Física que pretenda a ampliação das vivências esportivas para ambos os sexos deve oferecer as mesmas vivências para meninas e meninos, deve oferecer as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios. Quanto ao alargamento das capacidades motoras, a oferta dessas vivências na Educação Física possibilitaria a superação de limitações, das quais principalmente as meninas se ressentem [...] (Saraiva, 2005, p. 178).

Assim, o que deve ser questionado em relação à Educação Física é mais complexo do que se meninos e meninas fazem aulas juntos e participam das mesmas atividades, devendo ser refletido se as atividades trabalhadas são permeadas por estratégias co-educativas (Saraiva, 2005; Zuzzi & Sampaio, 2010). A prática

pedagógica na Educação Física pautada na co-educação deve adotar como princípios norteadores uma adaptação gradativa de meninas e meninos em uma ação conjunta; utilizar outras orientações e objetivos para as aulas além da aprendizagem de esportes tradicionais; vivenciar situações que trabalhem com diferentes padrões de ações; incentivar meninos e meninas na mesma proporção; criar situações que envolvam discussões e resoluções de problemas nas aulas; evitar atividades estereotipantes; não forçar a formação de grupos heterogêneos, mas criar situações neutras, como a formação de duplas com base na altura, o que pode favorecer que meninos e meninas formem pares.

Entendemos que as estratégias de intervenção ancoradas num processo de co-educação nas aulas de Educação Física podem ocorrer com a superação de aulas pautadas apenas no “saber fazer”, ou seja, vislumbramos que, por intermédio do trabalho dos conteúdos em suas três dimensões – conceitual, atitudinal e procedimental –, as questões de gênero e demais diferenças objeto de exclusões e preconceitos podem ser um caminho importante para mudanças. As aulas de Educação Física, podem propiciar a análise de aspectos sócio-histórico-culturais relativas às assimetrias de gênero, como de etnia, de classe, de estrutura física, capacidades motoras dentre outras, ao demarcar a dimensão conceitual. Por outro lado, a dimensão atitudinal pode ser contemplada por meio de vivências que permitam a desconstrução de estigmas e preconceitos de diversas ordens. Também a experimentação de diversas formas de praticar os esportes, os jogos e demais atividades físicas e de expressão corporal podem permitir a dimensão procedimental descobrir modos de “fazer e “saber fazer” em que a exclusão não seja a regra do jogo que precisar ser re-inventada todas as vezes em que a discriminação, de qualquer ordem, estiver batendo à porta das aulas de Educação Física.



## CONCLUSÃO

A pesquisa revelou muitas semelhanças com pesquisas na área escolar em diversas regiões do país, contudo, um processo de maior consciência sobre a necessidade de fazer algo em relação ao problema dos estereótipos e suas conseqüentes exclusões e ou desmotivações nas aulas de Educação Física parece presente. Ao mesmo tempo em que afirmam que realizam as aulas mistas, respondem as demais questões deixando transparecer suas dificuldades entre o desejado pelos debates na área e a necessidade de enfrentar a cristalização de esportes, atividades físicas e expressões corporais como reduto privilegiado de um sexo, evitando enfrentar um projeto cultural de gênero instalado em nossa cultura.

Curiosamente chama atenção a dificuldade dos participantes da pesquisa em assumir a autoria ou promoção das desigualdades de oportunidades. A intuição cultural é tão grande que nem percebem que justificam o exercício de práticas discriminatórias ou reforçadoras de estereótipos responsabilizando os alunos, isto é, conferindo ao discurso deles a responsabilidade por não alterar a regra do jogo de poder embutida no “jogo jogado” do mesmo modo de geração em geração, de aula em aula.

Os resultados apontam para a urgência da análise e transformações das relações de gênero nas aulas de Educação Física, por ser este um espaço privilegiado de construção da corporeidade de meninos e meninas e seu potencial de reinventar as relações de gênero, com conseqüências diretas para as relações étnicas, de classe, de idade, de estatura, de habilidades motoras. No debate feito na área, dois aspectos sobressaem como alternativas: um, que a prática pedagógica na Educação Física seja pautada na co-educação para o enfrentamento de estereótipos e exclusões e outro que a experimentação das três dimensões (conceitual, atitudinal, procedimental) aconteça indissociavelmente a cada conteúdo específico sendo este uma chave importante para abrir novos horizontes.

## REFERÊNCIAS

1. Brasil (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF.
2. Brasil (2011). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF.
3. Cruz, M. M. S., & Palmeira, F. C. C. (2009). Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. *Motriz*, 15(1), 116-131.
4. Dornelles, P. G. (2007). *Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de gênero*. (Dissertação de mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
5. Dornelles, P. G., & Fraga, A. B. (2009). Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, 1(1), 141-156.
6. Duarte, C. P., & Mourão, L. (2007). Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para participação em aulas mistas de educação física. *Movimento*, 13(1), 37-56.
7. Gallahue, D. L., & Ozmun, J. C. (2003). *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte Editores.
8. Gil, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
9. Goellner, S. V. (2005). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, 8(1), 85-100.
10. Jesus, M. L. De, & Devede, F. P. (2006). Educação física escolar, coeducação e gênero: mapeando representações de discentes. *Movimento*, 12(3), 123-140.
11. Jesus, M. L. De, Devede, F. P., & Votro, S. (2008). Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física escolar. *Movimento*, 14(2), 83-98.
12. Marconi, M. De A., & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
13. Marimon, T. E. De M., & Romão, J. E. (2009). Educação física e relações de gênero. *Cadernos de Pós-Graduação - Educação*, 8, 13-25.
14. Pomar, C., & Neto, C. (2003). Percepção da apropriação e do desempenho motor de gênero em atividades lúdico-motoras. In C. Neto (Org.), *Jogo & desenvolvimento da criança* (pp. 178-205). Cruz Quebrada: FMH.

15. Rangel, I. C. A., & Darido, S. C. (2005). Jogos e brincadeiras. In S. C. Darido & I. C. A. Rangel, *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica* (pp. 155-175). Rio de Janeiro: Guanaraba Koogan.
16. Richardson, R. J. (2008). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ª ed. São Paulo: Atlas.
17. Saraiva, M. do C. (2005). *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. 2ª ed. Iju : Uniju .
18. Sampaio, T. M. V. (2009). A justiça social em perspectiva de gênero e raça. In J. L. M. de Oliveira & L. Sveres (Orgs.), *Ensaio sobre justiça social: refazendo o caminho da vida e da paz*. 79ª ed. (pp. 125-146). Brasília - DF: Editora Universa - UCB.
19. Sousa, E. S., & Altmann, H. (1999). Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, 19(48), 52-68.
20. Sousa, E. S. de. (1994). *Meninos, marcha! Meninas, sombra! A história do ensino da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)*. (Tese doutorado em educação). Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
21. Souza Junior, O. M. De, & Darido, S. C. (2010). Refletindo sobre a tematização do futebol na educação física escolar. *Motriz*, 16(4), 920-930.
22. Verbena, E. Do C. G., & Romero, E. (2003). As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora. *Movimento*, 9(2), 113-125.
23. Zuzzi, R. P., & Sampaio, T. M. V. (2010). Gênero, corporeidade e cultura: a realidade da Educação Física escolar. In R. Gaio, A. A. Gois, & J. C. De F. Batista (Orgs.), *A ginástica em questão: corpo e movimento* (pp. 239-264). 2ª ed. São Paulo: Phorte.

Recepción: 05-08-2013  
Aprobación: 05-03-2014